

## A PRESENÇA DA FOTOGRAFIA NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA EM NATAL – RN – 2006-2008

Vicente Vitoriano Marques Carvalho  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Matizes – Grupo de Pesquisa em Cultura Visual

### Resumo:

A comunicação apresenta um estudo de caráter histórico sobre o incremento na produção de obras com base fotográfica no meio artístico natalense, a partir de documentação relacionada ao Salão de Artes Visuais da Cidade do Natal, de 2006 a 2008. A este estudo, antecedem notificações sobre o estado da arte da historiografia da arte no Rio Grande do Norte e da pesquisa sobre esta História na UFRN e, em anexo, lista-se a bibliografia específica disponível.

Palavras-chave: história da arte, arte no Rio Grande do Norte, salões de arte, fotografia.

### Abstract:

*The paper shows a historical essay about the increased production of photographic based art works in Natal-RN, using fonts related with Salão de Artes Visuais da Cidade do Natal, between 2006 and 2008. The essay is preceded by notes on the art state of Rio Grande do Norte's art historiography and its research at UFRN. In annex, there is a listing of available specific bibliography.*

*Key words: art history, art at Rio Grande do Norte, art contests, photography.*

A História da Arte é uma das mais eficazes linhas de acesso ao conhecimento aprofundado das artes, ao prover o estudioso de uma compreensão ampliada, quando efetua inter-relações as mais diversas, mormente aquelas propiciadas pela antropologia, sociologia ou psicologia, entre outras áreas do conhecimento científico com que cria interfaces. Neste contexto, a História da Arte permite perscrutar um nicho específico da memória social e cultural bem mais próximo de aspectos que levam à compreensão da própria humanidade pela especulação do que é ontologicamente humano.

De noções como é inferido o esforço empreendido em fins do século passado no sentido de dar à História da Arte um lugar ampliado no ensino de arte. Na minha experiência direta, tal esforço tomou corpo na elaboração do Projeto Político-Pedagógico para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em funcionamento desde 2006. Naquele momento viu-se como necessário duplicar a carga horária dedicada ao seu estudo em relação àquela disposta no programa do Curso de Licenciatura em Educação Artística – Artes Plásticas. Assim, ao invés de 120

horas-aula, tem-se, no novo Curso, uma carga horária de 240 horas, 60 das quais dedicadas a um olhar focalizado sobre as artes visuais norte-rio-grandenses, fato que gerou um impasse no momento da oferta da disciplina na qual elas são objeto.

O que ocorre é que não existe uma História da Arte do Rio Grande do Norte, a menos que se considerem os poucos estudos esparsos, desarticulados, parte dos quais ainda não publicada. Esta situação conduziu ao empreendimento emergencial de ações de pesquisa a serem realizadas por professores e bolsistas do Matizes – Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, do Departamento de Artes da UFRN, em torno do Projeto de Pesquisa “História da Arte do Rio Grande do Norte: construção da memória artística potiguar”.

O Projeto de Pesquisa objetiva inicialmente fazer o levantamento e a organização do material bibliográfico existente sobre as artes visuais no RN, assim como localizar de fontes de outras naturezas. Nesta comunicação, apresento em anexo uma listagem de obras, resultado de um primeiro exercício de revisão bibliográfica, após o levantamento realizado em minha própria biblioteca e na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Evidentemente, não é um levantamento exaustivo, mas atende, como dito, emergencialmente, o provimento de material de pesquisa para dar partida aos trabalhos do Matizes, especialmente no que diz respeito à informação e ao treinamento dos monitores.

Além dos títulos listados em anexo, o Grupo dispõe de material relativo à contemporaneidade, catalogado nos meus próprios arquivos. Trata-se da coleção impressa da coluna sobre artes visuais que escrevo no Diário de Natal, desde 1994, com um intervalo entre 1996 e 1998. Estas publicações contêm informações sobre a realização de exposições, textos críticos e comentários sobre o universo cultural, particularmente de Natal, no que tange ao envolvimento das artes visuais com instituições públicas e privadas, além de seu ensino. Ainda mais recente é uma coleção de recortes de jornal, convites para exposições e catálogos, compilada desde 2003. Estes recortes também incluem matérias sobre outras áreas da produção artística local, como a literatura, o teatro e a música, já acumuladas no sentido de, no momento de um trabalho historiográfico, ter-se em mãos indicações mais genéricas sobre o contexto da produção artística visual.

À par desse material impresso, consta em meus arquivos um considerável número de imagens digitais de obras de artistas norte-rio-grandenses, muitas já organizadas como conjuntos de exposições e salões locais. Destaco, por exemplo, as imagens para a catalogação de três exposições de que fiz curadoria para o SESC-RN: a primeira, realizada em 2007, com obras de Newton Navarro (1928-1992), a segunda, montada em 2008, com obras de desenhistas do RN e a terceira, recentemente exibida (abril de 2009), com obras de Dorian Gray Caldas (1930-).

Para esta comunicação, aventei a realização de uma revisão da bibliografia levantada, mas, imbuído de muito otimismo, considero-a apenas incipiente. Daí, como feito, julguei suficiente noticiar brevemente a sua constituição e dar lugar a um brevíssimo ensaio em que analiso algumas características da arte contemporânea em Natal, partindo da análise de documentação relacionada à realizações de recentes salões de artes visuais.

Dentro do Projeto “História da Arte do Rio Grande do Norte: construção da memória artística potiguar”, os salões de artes visuais constituem o primeiro objeto de pesquisa que pretendo investigar. O estudo dos salões de artes visuais, ou de sua história, deverá permitir um panorama não só das tendências artísticas, técnicas e temáticas, adotadas pelos artistas norte-rio-grandenses, no período definido entre o ano de 1957 e a atualidade. A data de início do período corresponde à realização do primeiro concurso de artes visuais de que tenho notícia, no atual estado da pesquisa (CALDAS, 1989). Neste concurso, dentro de um evento chamado Jogos Olímpicos de Verão, Newton Navarro e Dorian Gray Caldas já participaram como membros da comissão julgadora que premiou Thomé Filgueira (1938-2008) e Túlio Fernandes (1938-), em primeiro e segundo lugares, respectivamente. Como esta notícia presume, espero, com este estudo, também lançar um olhar sobre a ação da crítica de arte, esta representada pelos membros das comissões julgadoras.

Tendo em vista que o produto da investigação a ser realizada tem a sala de aula como destino privilegiado, o conhecimento e as discussões em torno de eventos que congregam artistas em coletivas (salões, bienais, feiras) afiguram-se como de significativa relevância. Basta considerar, por exemplo, a recente discussão sobre a 28ª Bienal de São Paulo (2009) que tomou vulto

nacional, assim como a crescente importância das feiras de artes visuais em suas relações diretas com o mercado de arte, que mantêm e ampliam o questionamento da própria permanência da realização de salões com premiação.

Como ficou claro, eu disponho de um corpo de documentos relacionados à contemporaneidade das artes visuais, particularmente de Natal, a partir de 1994. Diante disto, tendo em vista iniciar de imediato a redação de textos sobre a história dos salões locais, foi evidente a minha escolha inicial por um tópico que estivesse bastante aproximado do presente. A escolha incidiu sobre a presença da fotografia nas três últimas edições do Salão de Artes Visuais da Cidade do Natal (SAVN) como um índice de atualização da produção artística visual local. As fontes utilizadas foram os catálogos do SAVN de 2006 e 2007, e uma listagem dos artistas participantes do Salão em sua edição de 2008, seguida das categorias anotadas para suas obras. O uso desta simples listagem deu-se em decorrência de que não foi produzido um catálogo na última edição do SAVN. Serviram como fontes de apoio, imagens de obras dos três Salões focalizados.

O primeiro passo foi colocar as informações em duas tabelas. Na primeira, listei os selecionados e as categorias em que incluíram as suas obras e, na segunda, estas categorias e seus quantitativos. As categorias são as seguintes: *assemblage*, colagem, desenho, escultura, fotografia, gravura, infogravura, instalação, objeto, *performance*, pintura e vídeo. A categorização utilizada é a mesma criada pelos organizadores dos Salões (Comissões de Formatação), a saber: Antônio Marques, Flávio Freitas, Ricardo Veriano e Vicente Vitoriano, em 2006; Ricardo Veriano, Roberto Medeiros e Sânzia Barbosa, em 2007; Marcelus Bob, Ricardo Veriano e Roberto Medeiros, em 2009.

Feito isto, de imediato me deparei com o fato de que, em 2008, a Comissão de Seleção elegeu apenas 16 artistas, quando, nas outras edições, eram escolhidos 30. Anote-se que este Salão, como nas edições anteriores, previa a seleção de trabalhos de 30 artistas. A escolha de apenas 16 gerou reações dos artistas concorrentes diante do que a Comissão de Formatação afirmou à Tribuna do Norte (2008) que a Comissão de Seleção havia alegado, por exemplo, que havia contradição entre as informações dos portfólios e as

obras apresentadas ou, ainda, que alguns grupos de obras não possuíam linearidade. Questionáveis, tais alegações merecem uma extensão em sua discussão, que vejo não caber neste ensaio.

Esse fato impossibilitou uma análise quantitativa categórica, no momento em que o número de selecionados difere nas três edições do Salão, prejudicando parcialmente a intenção de observar como a fotografia tem sido incrementada na produção local. Todo modo, algumas observações são possíveis e são colocadas a seguir.

Para as anotações aqui feitas, considero em somatória com a fotografia outra categoria técnico-material, a da infografia, esta que implica o processamento de imagens por meios eletrônicos, em geral de fotografias que podem ser autorais ou tomadas de empréstimo pelo artista. Também incluo neste rol o vídeo, um processamento de imagens fotográficas em movimento, embora este não represente muito em termos numéricos, pelo menos no universo em consideração. Embora não sejam tomados nesta pesquisa, procedimentos produtivos que lançam mãos da fotografia como modelo ou até como objeto de colagem implicam obras que também teriam lugar nesta categorização, como a de Vicente Vitoriano, do XII Salão (2009), da qual se pode ver a imagem na Figura 1 ao lado.



Uma primeira abordagem dos dados leva à constatação de que a fotografia (e categorias similares) vem sofrendo um incremento crescente na produção local, passando de 8 trabalhos selecionados em 2006, para 12, em 2007 e para 11 em 2008. No último caso, a quantidade anotada corresponde a aproximadamente a setenta por cento das obras selecionadas, representando estatisticamente, um número muito elevado. Define-se com isto que há uma tendência à adoção de meios técnicos pelos artistas locais, em detrimento de outros meios tidos como tradicionais ou, em última instância, mais artesanais, se artesanato for entendido como processo de “manipulação direta” dos materiais empregados.

É sintomático que, em paralelo ao incremento da fotografia ou dos meios tecnológicos em geral, categorias como a pintura sofram reduções consideráveis. Em 2006, entre os trinta trabalhos selecionados, 7 eram de pintura, o que já aponta para a tendência redutiva. Em 2007, este número caiu para quatro obras e, em 2008, para apenas uma e, mesmo assim, tratava-se de uma obra em que a pintura se fez fora dos padrões convencionais, confundindo-se mesmo com a gravura, na minha percepção. O artista Ricardo Cerqueira criou, em menor escala e sobre lonita (“algodãozinho”), o que já fora feito por José Bechara (1957-) ao oxidar a superfície de lonas de caminhão usadas (ver Figura 2 ao lado).



Conforme entendo, o incremento da fotografia e meios similares pode ser motivado por vários fatores, entre eles o que se relaciona com a falta de preparação gráfica, artística mesmo e, enfim, manual dos artistas. A incapacidade gráfica mimética seria compensada pelo espelhamento (HUCHET, 2004) provido pela fotografia que constitui um campo de expressão artística pessoal e de relação com o real, inclusive a relação mimética. É fato que a arte conceitual, seus desdobramentos e outros caminhos tomados pela arte contemporânea “permitem” ou “toleram” esta falta de educação artística, no sentido tradicional deste termo. Mas, por outro lado, uma significativa parcela da produção atual, em todo o mundo, tem revelado grandes desenhistas ou pintores que antes operavam com instalações, objetos e toda sorte de ações e intervenções. Dentro deste quadro, ao se pensar em termos de artes aplicadas numa perspectiva financeira ou de mercado, as indústrias de jogos eletrônicos e do cinema que, aliás, encontram-se entre aquelas que mais implicam movimento financeiro, têm demandado artistas com preparo manual para a representação naturalista.

Outro fator a ser observado se relaciona ao desejo de estar “atualizado”, produzindo em conformidade e com o uso de meios tecnológicos de ponta,

particularmente com os meios digitais, tanto aqueles de captação quanto os de processamento de imagens. Trata-se de um empenho compreensível e desejável e, de fato, a arte tecnológica é uma forte vertente da contemporaneidade artística, ao lado de outras tantas, inclusive as que preterem quaisquer meios que não sejam o próprio artista com seu corpo e, claro, sua mente. Neste sentido, registrem-se aquelas obras em que a fotografia é usada não apenas como um meio artístico em si mesmo, mas também como meio de registrar ações performáticas, como no trabalho de Tiago César, premiado em 2008 (ver Figura abaixo).

Na verdade, em termos técnicos e materiais, a fotografia e seus congêneres significam, para o meio artístico norte-rio-grandense, uma efetiva sintonia com o atual, colocando-se bem à parte outras preocupações de ordem conceitual que têm movido a arte contemporânea.

A atualização ou o “avanço” em arte, aliás, uma característica bem própria do modernismo artístico enquanto um desejo de atualização por parte dos artistas natalenses tem a ver com a própria aura criada em torno do meio artístico de Natal e



sua relação com a vanguarda. Isto é explícito quando se pode ler, por exemplo, que “a capital potiguar sempre respirou ares vanguardistas”, em recente *press release* distribuído pela Fundação Capitania das Artes (2009). É evidente que os exemplos de criadores como o poeta Jorge Fernandes (1887-1953) e o artista visual Abraham Palatnik (1928-), bem como o envolvimento de poetas e artistas visuais natalenses com o movimento do Poema-Processo não possuem consistência histórica numérica para que se afirme esta constância vanguardista. Anote-se que produções “originais”, em geral e não

apenas em Natal, são circunstancialmente determinadas por tempo e lugar e sua aceitação em absoluto deriva de ingenuidade histórica.

Nos limites deste ensaio, acrescento a importância da ação da crítica e do ensino de arte em favorecer o incremento da fotografia no meio artístico de Natal. No que se refere à crítica, há duas fontes que devem ser consideradas. A primeira seria a crítica que se faz em Natal mesmo, especialmente aquela produzida por Sanzia Pinheiro e por Vicente Vitoriano. Sanzia Pinheiro contribui com o fenômeno em análise quando incentiva os artistas a se voltarem para uma produção dita contemporânea, no sentido mesmo de que abandonem os meios artísticos tradicionais e adotem não só aqueles meios técnicos, em que se inclui a fotografia, mas também as intervenções urbanas, performances e instalações. Por seu lado, Vicente Vitoriano tem pautado suas indicações nesta direção, chamando a atenção para a abertura da arte contemporânea para quaisquer tipos de escolhas midiáticas, assim como para a importância do conhecimento histórico como fundamento da produção artística.

A segunda fonte a que me refiro diz respeito às intervenções realizadas pelos críticos que têm sido convidados para participar das comissões de seleção ou premiação nestes mesmos Salões aqui discutidos. Sua influência deriva tanto das premiações que atribuem quanto das suas falas em conferências e debates. No primeiro caso, tenha-se em vista que, em 2006 dois dos três primeiros premiados, Ricardo Junqueira e Zé Frota, apresentaram obras em fotografia, escolhidos por comissões de que fizeram parte críticos e curadores como Cristiana Tejo (seleção), Marisa Mokarzel e Moacir dos Anjos (premiação). Em 2007, a fotografia (Ricardo Regis) e o vídeo (Coletivo Itaitinga Badaró) também estiveram entre os três primeiros premiados, tendo feito parte da Comissão de Premiação os críticos Cauê Alves e Kátia Canton. Já em 2008, novamente dois dos três primeiros prêmios foram atribuídos aos trabalhos em fotografia dos artistas Jean Sartief e Tiago César, por uma Comissão de Premiação em que se destacou a presença do crítico Fernando Cochiaralle.

Em suas conferências em Natal, esses críticos e curadores têm deixado impressões que amplificam os esforços locais na direção de uma produção coadunada com a que se faz internacionalmente, contribuindo também para a



fixação de noções sobre contemporaneidade artística, principalmente. Deve-se entender que, para os artistas que com eles dialogam, a própria autoridade de que se imbuem consiste num fator determinante para que suas idéias sejam aceitas e, ocasionalmente, seguidas.

Quanto ao ensino de arte, quero me referir à criação, em 2006, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN, e ao surgimento, entre seus alunos, de artistas que têm se dedicado à pesquisa de novos meios. Entre eles, sejam citados Victor Negreiros (gravura), selecionado para os Salão de 2006, Leandro Garcia, selecionado para os Salões de 2007 (instalação), e 2008 (infografia) e Kelton Wanderley (infografia), Mariana Zulianelli (pintura e infografia) e Sofia Porto (fotografia e infografia), selecionados em 2008. A discussão permanente e o incentivo à produção e à participação neste tipo de evento pesam nesta presença. No entanto, considero o estudo sistemático da História da Arte e as práticas de estudos críticos como fundamentais neste processo, o que leva esta discussão de volta ao primeiro ponto colocado neste ensaio.

## REFERÊNCIAS

CALDAS, Dorian Gray. *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte*. Natal: Universitária/UFRN, 1989.

CAPITANIA DAS ARTES. *Memória das artes visuais em Natal resgatada no Dia do Artista Plástico* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por [vicentevitoriano@gmail.com](mailto:vicentevitoriano@gmail.com) em 23 abr. 2009.

HUCHET, Stéphane. Tal qual, a fotografia. In: SANTOS, Alexandre e SANTOS, Maria Ivone dos. *A fotografia nos processos artísticos contemporâneos*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura: Editora da UFRGS, 2004.

RICARDO CERQUEIRA. *Pintura, 2008*. Fotografia da pintura por Vicente Vitoriano M. Carvalho. 2008. 1 fot., digital, color., 1536X2048 pixels. (Figura 2).

TRIBUNA DO NORTE, Natal, 11 nov. 2008. Salão de Artes Visuais mostra conceitos além das telas. *Tribuna do Norte*. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticias/91724.html>>. Acesso 12 maio 2009.

VICENTE VITORIANO. *Monsieur Duchamp 1, 2008*. Fotografia do desenho por Vicente Vitoriano M. Carvalho, 2008. 1 fot., digital, color., 342X591 pixels. (Figura 1).

## CURRÍCULO RESUMIDO

Arquiteto e urbanista (UFRN, 1979) e Doutor em Educação (UFRN, 2003). Especialista em Ensino de Arte (UFPB, 1984 e Faculdade de Educação Musical do Paraná, 1987). Professor associado do DEART/UFRN. Chefe do DEART/UFRN – 1993-95. Pesquisador da história do ensino de arte e da arte do Rio Grande do Norte. Artista visual, crítico de arte, curador.

## ANEXO

Levantamento bibliográfico para o Projeto de Pesquisa História da Arte do Rio Grande do Norte: construção da memória artística potiguar – Abril de 2009.

ALMEIDA, Ângela. *Frutos do amor amadurecem ao sol: Newton Navarro, uma leitura estética da Cidade do Natal*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

ALMEIDA, Ângela. *Encantaria da pedra: o espaço estético no sertão e na obra de Flávio Freitas*. Natal: NAC/UFRN, 2002.

ALVES, Gerlúzia de Oliveira Azevedo. *A Arte Rupestre como Expressão Comunicativa da Cultura*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

BARBOSA, Sanzia Pinheiro. *Arte, metáfora de ciência do século XXI*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

CALDAS, Dorian Gray. *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte*. Natal: Universitária/UFRN, 1989.

CALDAS, Dorian Gray. *A presença das artes plásticas no SESC/SENAC/Federação do Comércio-RN*. Natal: SENAC, 1995.

CARDOSO, Rejane. *Erasmus Xavier: o elogio do delírio*. Natal: Clima, 1989.

CARDOSO, Rejane. Artes plásticas RN anos 20. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *70 anos de modernismo*. Natal: UFRN, CCHLA, 1994. p. 141-148. Coleção Humanas Letras.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Newton Navarro: o homem, o artista. In: *Semana de Humanidades*, 4, 1995 - *Seminário de Pesquisa do CCHLA*, 5, 1995, Natal. *Anais...* Natal: EDUFRN, 1995.

- CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. "Como pedaços intempestivos": Leopoldo Nelson por ele mesmo. In: Congresso Nacional da ANPAP, 10, 1996, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPAP, 1996.
- CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. *Newton Navarro: um flâneur na direção da arte e da pedagogia da arte no Rio Grande do Norte*. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.
- CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Artes plásticas. In: GURGEL, Tarcísio, VICENTE VITORIANO, GURGEL, Deífilo. *Introdução à cultura do Rio Grande do Norte*. João Pessoa: Grafset, 2003.
- CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Formação artística autodidática: um ensaio autobiográfico. In: Congresso Internacional sobre pesquisa (auto)biográfica, 3, 2008, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 2008.
- CARVALHO JR., Antônio Marques de. Precursores do modernismo nas artes plásticas. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *70 anos de modernismo*. Natal: UFRN, CCHLA, 1994. p. 71-73. Coleção Humanas Letras.
- CARVALHO JR., Antônio Marques de. O movimento modernista nas artes plásticas em Natal. *Odisséia*, Natal, n. 2-3, p. 71-76, mar./out. 1995.
- CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Marieta Lima: professora de arte.
- DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*. João Pessoa: A União Editora, 1994.
- GALVÃO, Marlene Almeida. *Newton Navarro: o artista e sua obra*. Natal: PRAEU/UFRN, 1982. Textos Acadêmicos, ano 2, n. 73.
- GALVÃO, Marlene G. *Ubirajara Galvão: trajetória*. Natal: edição da autora, 2007.
- GUEDES, José Medeiros Pereira. *Poética de invenção*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural, Sebo Vermelho, 2000.
- MAIA, Isaura Amélia Rosado e LIMA, Ana Neuma Teixeira (Orgs.). *Inventário: catálogo do acervo de artes visuais do Estado do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 2007. Patrimônio Potiguar, n. 7.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1999.
- MEDEIROS, J. (Org.). *Geração alternativa: antilogia poética potiguar, anos 70/80*. Natal: Amarela Edições, 1997.
- NESI, Jeanne Fonseca Leite e outros. *Caminhos da arte: Rio Grande do Norte*. Barcelona: Bustamante Editores, 2006.

PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História*. Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.

PESSIS, Anne-Marie. *Identificação e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil*. Recife: UFPE, 1992. Clio – Série Arqueológica, n. 8.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

SPENCER, Walner Barros. *Lajedo de Soledade: Os grafismos sagrados dos guardiões do cosmo*. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

VIDAL, Irmã Asón. *Projeto Arqueológico do Seridó: Escavação no sítio Pedra do Chinelo, Parelhas-RN: primeiros resultados*. Recife: UFPE, 2002. Revista CLIO – Série Arqueológica, v. 1, n 15.